
<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p385>

Obras incompletas de Sigmund Freud. Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico, tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 172 p.

Tentei abalar uma teoria cômoda e atraente sobre os distúrbios de linguagem e, se tiver sido bem-sucedido, só terei colocado em seu lugar algo menos claro e menos completo. Espero apenas que a concepção que defendi seja mais adequada às circunstâncias reais e que exponha melhor as reais dificuldades.

(Sigmund Freud ([1891] 2013, p. 132)

Digna de nota, a iniciativa de Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares, através da Editora Autêntica, de nos presentear com um texto de fundamental importância da obra de Freud, durante muito tempo inadequadamente considerado “pré-psicanalítico” e, por consequência, de menor interesse para a psicanálise. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (Freud [1891] 2013), na tradução do alemão realizada por Emiliano de Brito Rossi, traz-nos em uma leitura rigorosa, os primórdios da reflexão crítica de Freud sobre linguagem, com afirmações e propostas desconcertantes até para os dias atuais.

Mesmo sem possuir uma pesquisa própria sobre o assunto, Freud decide, em 1891, investigar a literatura sobre as afasias (Wernicke, Broca, Meynert, Kussmaul, Lichtheim, Grashey, Hughlings Jackson, Bastian, Ross e Charcot, entre outros) para introduzir um avanço na discussão da época (p. 17).

Na literatura médica sobre a afasia, até 1891, a faculdade da linguagem articulada estava localizada nos lobos anteriores do cérebro. Broca e Wernicke de-

finem a correlação precisa das perturbações da linguagem com regiões determinadas no cérebro: enquanto as imagens mnêmicas dos movimentos da linguagem são conservadas no centro motor (área de Broca), as imagens sonoras são armazenadas no centro sensorial (área de Wernicke). As lesões ocorridas em um desses centros resultam, respectivamente, em afasia motora ou sensorial. Além da afasia decorrente de uma lesão central, Wernicke propõe ainda uma afasia de condução, a parafasia, resultante da lesão nas vias de associação entre os centros (p. 22).

Nesse ensaio, Freud percorre e analisa inúmeros casos de perturbações da linguagem descritos segundo a concepção de autores cujo trabalho ele toma como ponto de partida e analisa resultados de casos cujos sintomas, além de se revelarem incompatíveis com a teoria proposta por esses autores, demonstram a impossibilidade de uma explicação baseada inteiramente na hipótese da localização anatômica. A partir dos casos em que não se podem explicar os distúrbios da linguagem localizando pontualmente o correspondente

fisiológico da representação no cérebro, Freud os avalia como resultado de complexos processos associativos que se estendem além dos assim chamados centros da linguagem.

O que Freud fez da teoria da localização

É muito clara a intenção de Freud em seu ensaio crítico sobre as afasias: “com base nessa estrutura do aparelho de linguagem, investigar quais as suposições de que necessitamos para o esclarecimento dos distúrbios da linguagem; em outras palavras, o que nos ensina o estudo dos distúrbios da linguagem sobre a função desse aparelho” (p. 97).

Quanto à estrutura desse aparelho – “um campo contínuo do córtex” (p. 91) - Freud não se limita a reconhecer a existência de lugares psíquicos distintos, mas vai atribuir a cada um deles uma natureza e um funcionamento diversos. Quanto à sua função: esse aparelho é preparado para a associação (p. 115).

Vemos que a diferença em propor um “aparelho de linguagem” (que não deve ser enten-

dido como um “aparelho para a linguagem”) é efeito de uma concepção complexa do que vem a ser, para Freud, o “campo da linguagem”.

De início, Freud questiona a necessidade de haver uma lesão orgânica para se justificar um distúrbio de função nesse aparelho. Há casos de afasia que surgem devido a um mero dano funcional, sem que haja uma lesão orgânica responsável. Segundo Freud, há décadas deixamos guiar pela concepção de que uma lesão destrói integralmente elementos do sistema nervoso e deixa outros intactos. No caso de uma lesão parcialmente destrutiva, diz ele, o aparelho pode reagir à lesão como um todo, de maneira solidária, não permitindo encontrar uma deficiência em partes isoladas, porém apresentando uma *deficiência de função*. Justamente por não se restringir a centros de linguagem separados e localizados, o aparelho de linguagem responde a uma lesão parcial de maneira solidária, apresentando uma perturbação de ordem funcional (pp. 50-51).

A Psicologia localizava faculdades psíquicas inteiras (“vonta-

de”, “inteligência”, entre outras) em determinados territórios do cérebro. De maneira que, segundo Freud, quando Wernicke propõe que só se podem localizar os elementos psíquicos mais simples, ou seja, cada uma das representações sensoriais isolada na terminação do nervo periférico que recebe a impressão, esse fato deve ter se configurado como um grande passo à frente nas pesquisas sobre as afasias. Porém, Freud considera que, em ambos os casos, comete-se o mesmo “erro de princípio” [*princiellen Fehler*] (p. 78) (localizar na terminação do nervo periférico um conceito complexo ou um único elemento psíquico), pois não existe justificativa plausível para o fato de se tomar do psíquico a terminação de uma fibra nervosa - que foi, em seu percurso, uma formação fisiológica sujeita a modificações puramente fisiológicas - e acrescentar a ela uma representação ou uma impressão mnêmica. Nessa concepção se considerava que uma excitação qualquer passava pelas fibras nervosas e estas permaneciam inalteradas. Sua função era apenas a de conduzir a excitação en-

tre a periferia e o córtex cerebral. Freud coloca em questão a relação anterior, não dinâmica, entre funções e localizações, e toma a noção de *modificação de significação funcional* para qualificar esse trajeto da excitação sensorial através das fibras nervosas até à célula central.

Freud está interessado na relação entre o fisiológico e o psicológico, mas de um ponto de vista não causal, que se reduzia até então a buscar, a partir dessa noção de modificação, o correlato fisiológico da representação. Na visão anterior não se considerava o trajeto da excitação, apenas sua ligação entre um ponto inicial e um ponto final. A representação estava localizada na célula nervosa (p. 77). É a partir dessa afirmação sobre a localização da representação que Freud levanta a questão fundamental em torno da qual vai girar sua hipótese sobre as questões de linguagem, pois o que importa é saber primeiramente o que vem a ser esse “correlato fisiológico da representação” (p. 79).

Ao refletir sobre a natureza da modificação funcional, Freud propõe que não se tome como

causal a relação entre a cadeia dos processos fisiológicos e a dos psíquicos, de tal forma que se correspondam duas coisas que não têm necessariamente uma semelhança entre si: o físico e o psíquico. O psíquico, para Freud, é um processo paralelo ao fisiológico, a *dependent concomitant* (p. 78, em Inglês, no original). É preciso, portanto, observar as propriedades dessa modificação, independentemente do seu correlato psicológico. Freud propõe, então, que o correlato fisiológico da representação, a partir dessa mudança de posição de causalidade para paralelismo, seja “algo da natureza de um processo”, *processo esse que distribui a localização* (p. 79). Com essa visada de um processo, em vez de uma causalidade, não se podem mais distinguir duas partes no correspondente fisiológico - a da sensação e a da associação -, pois são dois nomes para designar duas perspectivas do mesmo processo:

Não podemos ter sensação alguma sem associá-la imediatamente [...]
A localização do correlato fisiológico é, então, a mesma para representação e associação, e, já que a

localização de uma representação nada significa além da localização de seu correlato, então devemos necessariamente recusar colocar a representação em um ponto do córtex cerebral e a associação em outro. Ao contrário, ambas partem de um mesmo ponto e nunca se encontram em repouso em ponto algum (p. 80, grifos do autor)

Com essa recusa em aceitar a localização como efeito de uma causalidade físico-psíquica, Freud pode deixar de lado a distinção entre “centros” e “vias de condução da linguagem”. Essa rejeição permite-lhe pressupor, a partir dos distúrbios da fala, por um lado, a existência de *processos funcionais* (radicalmente opostos aos processos mecânicos) nos mecanismos da linguagem, e, por outro, aquilo que já se configura como um deslocamento da noção de patológico no que diz respeito aos distúrbios de linguagem.

Nesse estudo, como consequência primeira de sua hipótese sobre o fato de a relação entre o correspondente fisiológico e a representação ser da natureza de um processo paralelo, Freud critica a localização pontual da fun-

ção da linguagem nos “centros” de Broca e de Wernicke e propõe uma localização global, articulada e contínua, em função de um *campo complexo de associações* que nomeia *Sprachapparat* (aparelho de linguagem):

Rejeitamos, pois, as suposições de que o aparelho de linguagem seja constituído de centros distintos, separados por campos corticais sem função [...]. Então, resta-nos apenas expor a ideia de que *o campo da linguagem no córtex* é um *território contínuo*, dentro do qual as associações e transferências, nas quais se baseiam as funções da linguagem, ocorrem com uma complexidade, cujos detalhes exatos escapam à compreensão (p. 86, grifos do autor).

Nesse campo complexo de associações vislumbrado por Freud, a região da linguagem define-se por sua extensão, e não pela localização pontual nos centros. Ao estabelecer relação com as funções da visão, da audição e da motricidade, essa região avança por entre os campos corticais “sem função” propostos por Meynert-Wernicke, apresentan-

do o aparelho pelas suas fronteiras e não pelo seu centro. Freud não critica, portanto, a noção de localização, mas propõe seu deslocamento: “o processo é que distribui a localização” (p. 79). A localização passa a ser efeito de distribuição, resultado de um processo, uma vez que se estende por entre outros campos sensórios e motores:

Se os “centros” aparentam ser os ângulos do campo da linguagem, deve-se considerar, a seguir, em quais outros campos esses centros encontram suas fronteiras [...] O campo de associação da linguagem, do qual participam elementos ópticos, acústicos e motores (ou cinestésicos), estende-se, por isso mesmo, *pelos territórios corticais desses nervos sensórios e pelos respectivos territórios corticais motores* (pp. 87-88, grifos do autor).

A crítica à localização permite a Freud não apenas apresentar a plasticidade do aparelho de linguagem, como também abordar uma outra consequência da teoria da localização. Trata-se da afirmação, na doutrina de Meynert-Wernicke de que os centros de

linguagem estão separados por “lacunas sem função”: “[...] É muito provável que seja também imposto, pelas células do córtex à memória, como a base de todas as atividades intelectuais, um limite de armazenamento” (Meynert 1884, *apud* Freud [1891] 2013, p. 81). Ou seja, frente à limitação da memória, ocupam-se territórios vazios, para novos conhecimentos.

Freud questiona essa concepção limitada de memória porque concebe o aparelho de linguagem como uma estrutura efeito da relação dinâmica entre os campos acústico, visual e motor. Um processo de diferentes níveis funcionais, uns mais complexos e refinados; outros, mais primitivos e menos diferenciados, de maneira que a própria estruturação da função da linguagem contém exemplos de novas aquisições:

Todas as outras novas aquisições da linguagem – se aprendo, então, a compreender e falar várias línguas estrangeiras, se, além do alfabeto primeiramente aprendido me apropriado do grego e do hebraico e, além de minha escrita cursiva exercito a estenográfica e outras formas

de escrita, - todas essas atividades (e as imagens de lembrança utilizadas para tanto podem superar em muitas vezes o número daquelas da primeira língua) estão obviamente localizadas nas mesmas áreas que reconhecemos como os primeiros centros da língua aprendida (pp. 83-84, grifos do autor).

Aqui, Freud está nos dizendo que toda produção simbólica, como uma espécie de *work in progress*, tem sempre o mesmo funcionamento, e que, portanto, a língua materna prepara, à sua maneira, o leito para outras aquisições, não havendo necessidade da existência de “lacunas sem funções” especiais para novas atividades – em outras palavras, tudo está sempre em atividade, o que nos permite supor que o campo simbólico não é diferente para a língua materna e para a língua estrangeira.

Assim, segundo Freud, nunca ocorre de uma lesão orgânica provocar um distúrbio na língua materna, ao qual escape a língua estrangeira adquirida posteriormente. Se - no caso de um alemão que também compreende o francês - os sons das palavras

francesas estivessem localizados em um lugar diferente dos sons da língua alemã, uma lesão na área da linguagem faria com que esse alemão deixasse de entender sua língua, mas continuasse a compreender o francês.

No entanto, é o contrário que ocorre. Perde-se primeiro a compreensão do francês, a aquisição mais recente, de acordo, então, com a estruturação de todas as outras funções da linguagem (p. 84). Estas foram estruturadas em tempos diversos: primeiro o centro sensorio acústico, depois o motor, posteriormente o visual e, por fim, o gráfico.

Nos casos patológicos, a perturbação da linguagem repete uma situação que se apresenta normalmente durante a aquisição das funções da linguagem, ou seja, “o centro que será convocado a ajudar primeiramente será aquele que tiver permanecido o mais capaz de desempenhar suas funções” (p. 64).

O que Freud fez das noções de associação e de representação

Na Psicologia do século XIX predomina uma lei segundo a

qual a sucessão de associações vem a ser uma combinação de elementos que se mantêm inalterados no interior do conjunto formado por eles. Dessa maneira, o conjunto associativo resultante dos elementos é concebido como sua soma, de forma que as propriedades desse conjunto são redutíveis às propriedades de seus elementos. À medida que cada elemento psicológico se liga a um elemento fisiológico, a associação entre duas impressões significa uma associação automática de duas representações.

O que se depreende dessa teoria é a noção de substancialidade psíquica, efeito do fato de se tratarem os elementos psíquicos da mesma maneira que os físicos, ou seja, de a representação se encontrar sempre localizada como um correspondente psíquico interno, causado por fatores externos da experiência com o objeto. O caráter não dinâmico dessa postura tem como consequência a redução da associação a apenas uma lei: à de uma correspondência entre o pensamento e o objeto (percebido como tal, inteiramente pela consciência), ou seja, uma impossibilidade de

se pensar uma independência entre representação e objeto. Nesse modo de pensar, a linguagem é concebida como tendo sido feita para designar as coisas.

O conceito de representação, por sua vez, apoiava na teoria anátomo-fisiológica das localizações cerebrais do século XIX – na forma de um atomismo – a ideia de que há um duplo psíquico para tudo o que se passa no somático, ou seja, a de que a cada tipo de representação corresponde um suporte neurológico rigorosamente localizado. Quando Freud toma, da Psicologia, a palavra como a unidade de base da função da linguagem e a concebe, de início, como uma representação complexa (ver Figura 1), não apenas toma a palavra mesma como representação, como também está nos dizendo que toda e qualquer operação de linguagem aciona simultaneamente funções relativas a mais de um ponto no campo da linguagem.

A esse respeito, há uma passagem especialmente interessante no texto de Freud, quando dialoga com Meynert sobre a necessidade de se distinguir a projeção da representação (pp. 73-74). Se

para Meynert a reprodução de toda percepção tanto na substância cinzenta quanto no córtex é uma projeção, para Freud, apenas a primeira parte (atravessar as substâncias cinzentas) poderia ser chamada de projeção. Mesmo que nesse trajeto as fibras mantenham uma relação com “a periferia do corpo”, não podem projetar uma imagem ponto a ponto do corpo. Por essa razão, Freud considera mais apropriado dar a essa segunda fase do processo o nome de *representação*:

Elas [as fibras] contêm a periferia do corpo assim como – para tomarmos de empréstimo um exemplo ao objeto a que estamos aqui nos dedicando – um poema contém um alfabeto, em uma reordenação que serve a outros propósitos, em uma múltipla e diversa conexão entre cada elemento tópico, de maneira que alguns podem ser representados várias vezes, ao passo que outros podem não ser representados. [...] seu fundamento é puramente funcional. [...] temos o direito de presumir que a periferia do corpo não está mais contida *topicamente* nas partes mais elevadas do cérebro, bem como no córtex cerebral,

mas apenas conforme a função.
(pp. 76-77, grifos do autor)

Destacando que deseja separar o lado psicológico do anatómico do objeto em questão, Freud apresenta, na figura 1, o conceito de representação de maneira inédita, ao escolher a *palavra*, para apresentá-la como um intrincado processo associativo para o qual concorrem elementos de origem visual, acústica e cinestésica. Com isto, avança a tese sobre uma diferenciação entre representação de palavra [*Wortvorstellung*] e associações de objeto [*Object-Assoziationen*], dois complexos que, não estando em uma relação de oposição, vão possibilitar as mais variadas configurações das funções da linguagem a partir de singulares trajetos associativos das representações.

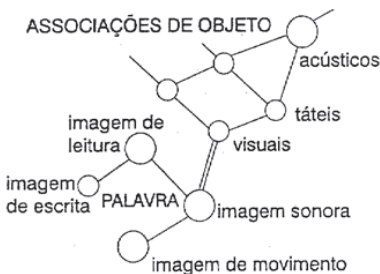


Fig. 1 Esquema psicológico da representação de palavra

Ao propor a divisão da palavra em representação de palavra e associações de objeto, Freud retira a representação de sua unidade psicológica e a transforma em uma entidade lógica e dialética. A representação deixa de representar o objeto, para se tornar a diferença entre séries de processos. Não se trata, portanto, da diferença entre entidades previamente existentes, mas de um processo de diferenciação como princípio de constituição desse aparelho.

À palavra corresponde uma associação de imagens mnêmicas auditivas, visuais e motoras e seu significado se constrói na articulação da imagem acústica da representação de palavra com as imagens visuais das associações de objeto. As associações de objeto, por sua vez, não constituem, para Freud, o objeto ou a coisa externa, a referência, mas sinais de uma percepção difusa. Porém, o fundamental dessa proposta é que à palavra é dada a possibilidade (por sua constituição complexa) de ser sempre um ponto nodal (p. 92), e facilitar o deslocamento no caminho das associações do falante, proporcio-

nando os disfarces da ambiguidade e da condensação.

Não existe, então, um campo da linguagem antes de haver linguagem, ou que não seja construído por linguagem. Não há, portanto, nessa concepção do aparelho de linguagem, nada da ordem da mecânica de uma causalidade. Freud já está trazendo uma dinâmica da simultaneidade na constituição desse aparelho. As diferenças na associação desses elementos visuais, auditivos e motores constituem as representações. É importante lembrar que a representação não pode ser, na proposta de Freud, anterior à associação. A representação não é uma unidade constituída que se associa a outras unidades por somação. A lei da associação, ou sua razão, é a simultaneidade. Ao dizer que “não podemos ter sensação alguma sem associá-la imediatamente” (p. 80), Freud está passando a limpo toda a teoria da percepção, da associação, para dizer que não há nada fora da linguagem.

Palavras finais

Se o campo da linguagem é um campo complexo de associa-

ções, é possível para Freud, através da observação das patologias de linguagem, perceber que a fala é um lugar de manifestação dos efeitos associativos da linguagem e a partir daí separar função e funcionamento no aparelho psíquico. Tal separação – que na concepção anterior era vista como deficiência do aparelho – passa a ter um peso fundamental para Freud, porque lhe permite ouvir, nos ultrapassamentos da fala, aquilo que chamará depois de movimentos do inconsciente. Está implícita nessa articulação de Freud a ideia de uma estrutura de linguagem, efeito da relação dinâmica entre os campos associativos acústico, visual e motor, que amplia as possibilidades de descompasso entre a função de associar e o modo de associar constitutivos desse aparelho de linguagem.

Sendo a linguagem um campo complexo de associações de representações cujos efeitos se manifestam na fala (no sintoma, no sonho), ela deixa de ser algo destinado a designar as coisas, para se presentificar, sobretudo, como aquilo que separa o falante de si próprio. Se a linguagem

representa, para Freud, o campo do desconhecimento, só podemos saber do que não sabemos se falarmos. O fato de as associações de objeto só encontrarem uma significação ao se ligarem a uma representação verbal coloca a fala entre sistemas de linguagem, pois as manifestações inconscientes de linguagem encontram na fala uma das possibilidades de mostrar seus movimentos.

Acompanhando Freud, constatamos sua determinação em encontrar bases diferentes para explicar os distúrbios da fala, as hesitações, os esquecimentos e os lapsos. Freud não se apressa na pressuposição de que esses acontecimentos se explicariam pela via dos fenômenos da consciência, tomando-os rapidamente como defeitos do aparelho, na tentativa

de uma descrição objetiva de um funcionamento subjetivo.

Nas diferenças com que aborda os fenômenos da fala, supondo a anterioridade da linguagem, Freud nos proporcionou os primeiros elementos para iniciarmos uma reflexão sobre os estatutos de *língua* e de *materna*. Com a leitura desse texto Freud nos convida a repensar a questão do erro, do lapso, do ato falho em língua materna e estender essa reflexão para a língua estrangeira.

Maria Rita Salzano Moraes
Universidade Estadual de
Campinas

Recebido em: 28-01-14

Aceito em: 15-04-14
